

“QUASE NÃO É LÁ”: UMA ANÁLISE DA FORMULAÇÃO DE LUGAR PELA VIA DA CATEGORIZAÇÃO DE PERTENÇA NO EPISÓDIO DE CONFLITO INSTAURADO ENTRE PITY E ANITTA NO *ALTAS HORAS*

Roberto Perobelli de Oliveira*

Resumo: O presente trabalho versa sobre algumas noções da etnometodologia que se destacam na interação entre duas cantoras, Pitty e Anitta, em dezembro de 2014, no Programa *Altas Horas* da Rede Globo de Televisão, cujo tema era o papel da mulher na sociedade. Para defenderem seus pontos de vista, tomados como antagônicos, as participantes se utilizam de formulações de lugar para criar categorias de pertença, que, embora tenham o mesmo *rótulo* (mulher), são apresentadas, nos turnos de fala de cada uma delas, como completamente diferentes. O objetivo é analisar essas diferenças microssequencialmente, de modo a demonstrar como os dispositivos de categorização de pertença são relevantes na constituição de um episódio de conflito. Este, por sua vez, merece ser compreendido analiticamente, não para que os analistas tenham em perspectiva como implementá-lo, mas, pelo contrário, para que, uma vez implementado, possam, pelo conhecimento da *maquinaria*, construir os melhores dispositivos para encerrá-lo.

Palavras-chave: Formulação de lugar. Categorização de pertença. Episódio de conflito.

Abstract: This work presents some ethnomethodological notes on the interaction between two Brazilian singers, Pitty and Anitta, in December 2014 at *Altas Horas*, a *Rede Globo de Televisão* show, which theme was the women's role in society. Arguing on their antagonistic viewpoints, the parties used place formulation to create membership categories that, although with the same tag (woman) are presented in each turn at talk as completely different. The outcome is to analyze these differences microssequentially, in order to demonstrate how membership categorization devices are relevant at the constitution of a conflict episode. This, in turn, deserves to be understood analytically; not for analysts to implement them. On the contrary, for those who want, once conflict is implemented, they might, by knowing the *conversation machinery*, construct the best devices to end them.

Keywords: Formulating place. Membership categorization. Conflict episode.

Introdução:

A análise da perspectiva dos participantes, já há mais de quarenta anos, se caracteriza como uma forma eficaz de descrição da fala-em-interação. Observar as pistas de contextualização, segmentar um evento e selecionar um fenômeno a partir da pergunta *o que*

* Professor Adjunto do Departamento de Línguas e Letras (DLL), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória/ES, Brasil. robertoperobelli@gmail.com

está acontecendo aqui? são ações que destacam a integração entre linguagem e sociedade, tendo os estudos linguísticos como suporte importante, assim como o são também os estudos sobre a teoria da ação social. Nesse sentido, o artigo que ora se apresenta tem a pretensão de se constituir enquanto um exercício de análise que procura descrever as microações sociais dos interagentes, de forma que se possa discutir, a partir dessa descrição, como se dá a macrocomposição das estruturas sociais.

Para tanto, nosso objeto de análise será a transcrição de um dado de fala-em-interação ocorrida espontaneamente durante um programa de TV. Trata-se do *Altas Horas*, veiculado pela Rede Globo de Televisão, em que seu apresentador, uma vez tendo o mandato institucional de gerenciar os turnos de fala de seus convidados, abre espaços de oportunidade para a ocorrência de episódios de conflito, conceito que utilizamos anteriormente (OLIVEIRA, 2012) para analisar dados em cenário jurídico e que pretendemos expandir atualmente para outros cenários interacionais.

A análise dos dados, porém, por levar em conta conceitos muito específicos da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), é precedida, no desenvolvimento deste trabalho, por algumas definições que norteiam e justificam a abordagem teórico-metodológica sobre a qual se fundamenta. Por essa razão, apresentamos a seguir o que estamos entendendo, respectivamente, por *categorização de pertença*, *formulação de lugar* e *episódio de conflito*, conforme se pode ver nas subseções seguintes.

Categorização de pertença

O bebê chorou. A mãe o pegou no colo. Com essa elocução, Sacks (1992) produziu uma importante reflexão para os estudos sobre linguagem e sociedade. Os elementos *bebê* e *mãe*, segundo o autor, são formas de categorizar um conjunto de membros da sociedade que se aglutinam em uma dada coleção, neste caso, chamada de *família*, apresentados realizando ações esperadas (em uma perspectiva mais macrosocial) desses componentes dessa coleção. Relacionado à ação de *chorar* não se espera que se destaque um médico ou um empresário, mas uma criança, assim como a ação *pegar no colo* demanda a expectativa de que quem o faz é um adulto e, mais especialmente, a mãe da criança em foco.

Essas inferências, propostas no exercício de Sacks (op. cit.), são constitutivas de uma abordagem analítica, a Análise de Categorias de Pertença¹ (ACP), desenvolvida na esteira da

¹ Tradução de *Membership Categorization Analysis* (MCP)

Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), uma política de pesquisa inaugurada na década de 1960 por pesquisadores interessados em descrever os fenômenos sociais em uma ordem microssistemática. Por essa razão, a tarefa principal naquele momento foi descrever a organização do sistema de tomada de turnos da conversa cotidiana (SACKS et al., 1974[2003]), assim como se procurou descrever também os dispositivos de categorias de pertença, os chamados MCDs (*Membership Categorization Devices*), responsáveis pelas formas como os membros sociais incluíam (ou não) elementos em determinadas categorias, como *pai, mãe, filho(a) e irmã(o)* na coleção *família*, por exemplo.

As escolhas dos falantes por certos elementos categorizadores são reveladoras de uma tomada de posição em um debate, por exemplo. Referir-se a uma mulher pelo seu estado civil (*solteirona*) ou por suas vestimentas (*aquela ali de vestidinho curto*) torna relevante uma característica que passa a ser superestimada em relação a outras (*mãe, advogada, nordestina*). Essas outras categorizações, aliás, a depender do contexto, não são tornadas relevantes em razão da *regra da economia*, à qual Sacks (1992) se refere quando aponta que uma única categoria já é suficiente para se fazer uma descrição inteligível. Em uma sentença do tipo “o médico não chegou e o paciente foi embora”, pode não fazer diferença saber se o médico é casado, pai, espírita ou síndico do prédio onde mora, da mesma maneira que tais características são dispensáveis na descrição do paciente. Na situação narrada, as categorias tornadas relevantes são *médico* e *paciente*, pois são elas que estão em relação na cena, por isso, estão também ligadas por uma *regra de consistência*, uma vez que usar um elemento de uma coleção potencializa a utilização de outros elementos da mesma coleção relacionados.

As categorias de pertença, no entanto, não são estanques, razão pela qual se torna impossível, porque improdutivo, elaborar uma lista de categorias. Como são situadas e revistas a cada interação, as formas de se categorizar são reassumidas a cada vez que são inseridas em uma troca conversacional. Alguns elementos, a princípio, podem não ter relação, mas, dependendo do contexto de produção, podem integrar uma mesma coleção, como, por exemplo, *cachorro* e *criança*, que estariam incluídos no rol dos *proibidos em um condomínio residencial*. Esse exemplo ajuda a ratificar o esclarecimento de Sell e Ostermann (2009), segundo as quais “categorizar não significa, contudo, colar etiquetas nas pessoas ou em si mesmo” (p. 12). Como esses mecanismos de categorização são voláteis, “as pessoas se orientam para os diferentes contextos e para os momentos interacionais atentas àquilo que julgam que é esperado delas ao produzirem suas falas e performances de gênero” (p. 13). Nos dados a serem analisados neste artigo, será possível constatar essa volatilidade, porque as categorias que as participantes elegem são sensíveis ao contexto, na medida em que, para

efetivarem o antagonismo em suas participações, lançam mão de um recurso que também compõe a ACP: a formulação de lugar.

Formulação de lugar

Para nos referirmos a um determinado lugar, uma série de possibilidades se abre, por exemplo, um cômodo, uma edificação, um bairro, uma cidade, um estado, um país, entre tantas outras que podem ser usadas para se apontar um mesmo lugar. No entanto, a depender do contexto, dizer *estou no quarto* pode não ter muita relevância para um interlocutor que demonstra não saber onde fica a casa do enunciador, do mesmo modo que dizer *estou no Brasil* igualmente não ajudará a quem está na mesma cidade demonstrando ter a necessidade de se localizar de maneira mais amíúde. Por essa razão, formulações de lugar são importantes para definir, entre outros fatores, a categorização de membros, conforme expresso na seção anterior, e a intersubjetividade² entre os participantes.

Segundo Schegloff (1972), a formulação de lugar é o canal para a categorização de pertença. É pela formulação de lugar que, por exemplo, um comprador A em uma loja, ao ouvir a pergunta de outro comprador B, do tipo *onde ficam os vestidos?*, cria a distinção entre as categorias *comprador* e *vendedor*, quando responde *eu não trabalho aqui*. Responder isso gera a análise, por parte do comprador B, de que ele teria se confundido. Em contrapartida, uma resposta do comprador A do tipo *eu não sei* poderia não possibilitar essa análise.

Quando dois interagentes criam conjuntamente a referência de um lugar, a demonstração mútua de entendimento pode se dar de diversas formas. Uma delas ocorre quando um dos falantes *reformula* o lugar, apresentando um outro modo de remontar a um mesmo local, atribuindo-lhe um *apelido*, por exemplo (*essa Praça Annibal Anthero Martins é a 'praça da igreja', não é?*). Por outro lado, a inteligibilidade mútua fica comprometida quando o uso de uma expressão para categorizar um dado lugar não encontra, na reação do outro, uma demonstração de entendimento. Nesse momento, dado o surgimento de problemas de intersubjetividade, abre-se um espaço de oportunidade para a discordância.

Episódio de conflito (observações metodológicas)

Do ponto de vista da análise sequencial, um episódio de conflito se define pelo seu caráter opositivo. Em outras palavras, para cada ação desempenhada por um falante, se esta

² Em linhas gerais, a intersubjetividade “se refere à possibilidade de que haja entendimento, convergência entre o que um interlocutor produziu e o que o outro entendeu do que foi/ está sendo produzido” (LODER, 2006, p. 45)

recebe uma reação opositiva em retorno, temos um episódio de conflito iniciado. Esta definição de episódio de conflito tem seu lastro em uma série de textos sobre *episódios adversativos* (EISENBERG; GARVEY, 1981), *rotina contraditória* (BOGGS, 1978) ou *troca opositiva* (GRUBER, 2001), entre outros, os quais, no cerne, têm, a despeito dos nomes que se lhes atribuem, a mesma motivação: a presença de movimentos opositivos caracterizados por uma ação (geralmente verbal, de início), que recebe, por seu turno, uma oposição.

Prototipicamente, um *conflito verbal* (cf. NORRICK; SPITZ, 2008) se inicia quando (1) um falante A profere uma declaração, que será alvo de uma (2) contradecaração, por parte do falante B, tornando a declaração do falante A uma ação passível de oposição. A presença desses dois movimentos opositivos, no entanto, não é suficiente para se considerar um conflito plenamente instaurado, porque é preciso haver (3) uma contraoposição de A, discordando de B e ratificando a declaração proferida em primeira posição. Desse modo, instaura-se o que Oliveira (2012) considerou, apoiado em autores como Maynard (1985) e Hutchby (1996), como *episódio de conflito*, tal como esquematizado a seguir:

“0”	P1	A: evento antecedente/ passível de disputa	ação verbal ou não verbal
“1”	P2	B: oposição inicial	discordância com P1
“2”	P3	A: contraoposição	discordância com P2

Quadro 1: Sequência básica de abertura de um episódio de conflito

No dado que será analisado a seguir, é possível perceber que as participantes instauram um episódio de conflito a partir do momento em que Pitty destaca um elemento do turno de Anitta e lança mão de uma prática de glosa³ a um turno como passível de contestação, enquanto esta reforça, em terceira posição (P3), os elementos apresentados em P1. Antes, porém, cabe ressaltar algumas informações contextuais importantes, para um bom entendimento desta análise.

Em dezembro de 2014, repercutiu de maneira bastante contundente nas redes sociais, o embate entre as cantoras Pitty e Anitta no programa televisivo *Altas Horas*, na Rede Globo de Televisão. O programa tem como mote principal a possibilidade de o público presente poder interagir com os convidados e as convidadas, que, em geral, são pessoas de destaque no chamado “mundo do entretenimento”, tais como atores e atrizes, cantores e cantoras, participantes de reality shows, personalidades de destaque nas diversas modalidades esportivas, entre outros, que recebem a alcunha de “celebridades”. O cenário, à época, tinha o

³ *Glossing practice* (cf. Garfinkel, 1967).

formato de uma arena, em cujo centro se localizavam, em cadeiras giratórias, as convidadas do dia (a saber: Danielle Winitz, Maria Casadevall, Fernanda Paes Leme, Marjorie Estiano, todas estas atrizes contratadas pela Rede Globo; e Jaqueline Carvalho, jogadora de vôlei). Além destas, situadas em duas pontas opostas no alto da arena, a cantora Pitty e sua banda, de um lado, e a cantora Anitta e sua banda, de outro. Ao lado de Anitta também estava Flora Gil, cantora. Todo o restante do cenário é ocupado por pessoas que se inscrevem, em grupos ou individualmente, para participar do programa, integrando o grupo chamado de *plateia*. Além disso, o cenário é composto, ainda, por uma banda permanente, chamada de *Banda Altas Horas*, também composta só por mulheres, integrantes do elenco fixo do programa. O apresentador do programa é Serginho Groisman, que detém o mandato institucional de gerenciar os turnos de fala, tanto entre os convidados e convidadas, quanto em relação aos integrantes da plateia, quando alguém deste grupo se autosseleciona para fazer alguma pergunta a algum convidado. No dia 7 de dezembro de 2014, o programa se propôs temático (e desde então configurou uma tendência para os programas seguintes), pretendendo, neste dia, deixar mais evidente uma discussão sobre o papel das mulheres na sociedade⁴. Nesse sentido, as convidadas do dia eram apenas mulheres, e os integrantes da plateia eram apenas homens, algo incomum (para não dizer inédito) para os próprios padrões do programa.

O acesso ao material que possibilitou a transcrição dos dados se deu via internet, pelo portal Gshow.com, que disponibiliza vídeos com trechos dos programas que passam no canal da Rede Globo de Televisão. Apenas com a finalidade de se realizar esta pesquisa, foi feito, no dia 7 de março de 2015, download do vídeo, que contém seis minutos e cinquenta segundos e apresenta, em linhas gerais, Anitta e Flora, nos primeiros dois minutos e dezesseis segundos. A partir dos dois minutos e dezessete segundos, inicia-se o turno de Anitta que origina o embate e se desdobra até em torno dos seis minutos e quarenta. A transcrição foi realizada seguindo o modelo Jefferson de transcrição, que, de acordo com Loder (2008), “compartilham um conjunto mais ou menos comum de particularidades, que, por suas distinções em relação a outros modelos de convecção para transcrição, consolidaram-se como característicos do modelo Jefferson.” (p. 130). A transcrição, neste caso, marca alguns aspectos de produção da fala, no que se refere à entonação e prosódia, por exemplo, que marcam os contornos entoacionais das chamadas *Unidades de Construção de Turnos* (ou UCTs), que podem ser ascendentes (ponto de interrogação), descendentes (ponto final) ou de continuação (vírgula), entre outros, mais especializados. Trechos de fala marcados para além

⁴ Importante destacar que isso foi verbalizado no início do programa pelo seu apresentador.

de sua tonicidade mais comum são sublinhados e trechos gritados são transcritos em caixa alta. Aspirações e expirações também são marcadas, por serem índices eventualmente relevantes de mudança de enquadre em uma dada interação. Outros marcadores, como fala engatada (sinal de igual) e sobreposição de vozes (colchetes), podem ser vistos com sua respectiva explicação no Anexo A deste trabalho. No Anexo B, apresentamos o trecho transcrito na íntegra, no qual será possível encontrar um número maior de comentários do analista transcritor. Para análise do excerto, no corpo do texto, tais comentários foram excluídos, por terem sido considerados prejudiciais ao entendimento dos leitores menos iniciados nas transcrições feitas de acordo com esse modelo.

Neste texto, por limitações de espaço, nossa análise não recairá sobre todo o episódio de conflito identificado, mas apenas sobre o fenômeno da formulação de lugar como índice para a categorização de membros na instauração da discordância entre as interagentes, conforme anunciado no início deste trabalho.

Análise do “turno 0”: a presença do elemento desencadeador do episódio de conflito

A análise em pauta tem o excerto a seguir como base. Neste excerto, iniciado aos dois minutos e dezessete segundos do vídeo capturado, é possível ver como Anitta apresenta seus mecanismos de categorização do conjunto que ela considera genericamente *mulher*, antes da intervenção de Pitty, que, por sua vez, apresenta mecanismos antagônicos de categorização do mesmo elemento – *mulher*.

[Pitty x Anitta, 02’17” – 3’40”]

001 Anitta: mas eu acho que a:: grande questão aqui hoje, é que
002 as mulheres lutaram tanto pra che- pro- pra::: ter
003 os mesmos direitos que os homens, .hhh que quando
004 chegou o momento que elas tiveram, AH, mulher tem
005 salário igua::l, mulher também vota, mulher também
006 tem emprego, a mulher .hhh ((inspiração profunda))
007 chegou uma hora que ela quis tomar as r- CONta da
008 situação, AH NÃO, EU QUE VOU E: PEGO: CINQUENTA E
009 EU QUE- eu não acho bonito a ninguém pegar
010 cinquentã nem o homem nem a mulher, >>num acho
011 bonito<< n(h)inghé(h)m sai::r e pegar
012 cín(h)qu(h)ent(h)a ahá (.) mas a mulher acabou .hh
013 querendo tomar o lugar essa m- lugar do homem em
014 todas as situações,
. .
. ((linhas omitidas))
. .

052 Anitta: .hh é ela quem faz- e bota a bronca e decide se o
053 cara vai ficar ou se o cara vai sair
054 (.)
055 Anitta: o comportamento dela é que vai dizer se o cara fica
056 ou se o cara sai=
057 Pitty: =anit[ta,
058 Serginho: [> muito b-< ((vira-se para o outro lado do
059 estúdio, onde está Pitty))
060 Pitty: só uma ressalva (.) nós ainda não temos os mesmos
061 ((mudança de câmera: foco em Pitty fazendo
062 movimentos de negação com a cabeça)) direitos.
063 (.)
064 Pitty: nós [não ganhamos o mesmo salários,
065 Anitta: [mas nós chegamos qua::se.
066 Pitty: não. quase não é lá. ((faz um movimento vigoroso
067 com o braço esquerdo como se afastasse algo)) vamos
068 começar por aí.
069 Plateia: uô::[:
070 Pitty: [eu acho. eu acho que a gente ainda tem
071 mu:::ito pra conquistar, a partir do momento que a
072 gente questiona numa plateia masculina
073 (.)
074 Pitty: .hh se uma mulher sair com os amigos, >por
075 exemplo<, num é nada a ver ((olha para alguém da
076 plateia e faz gesto com a mão esquerda indicando
077 parada)), não é específico ((pisca os olhos mais
078 vagarosamente)) e que isso causa tanta comoção, eu
079 acho que a gente tá lo::nge. ((olhando para Anitta))

No excerto acima, o que se destaca é a discordância entre Pitty e Anitta apoiada nos diferentes mecanismos de pertença que cada uma seleciona para justificar suas distintas formas de demonstrar entendimento sobre a categoria *mulher*. Vários são os mecanismos de categorização utilizados por Anitta para se referir às mulheres como um grupo no qual ela não se enquadra. Primeiramente, através da remissão às mulheres em terceira pessoa, ela glosa um grupo no qual ela não se inclui como membro, no caso, “as mulheres” (“**as mulheres** lutaram tanto pra che- pro- pra::: ter os mesmos direitos que os homens, .hhh que quando chegou o momento que elas tiveram”, linhas 002-004, negrito adicionado). Em um segundo momento, o discurso reportado indica uma animação da fala, para usarmos uma terminologia de Goffman (1979[2002]), de um *outro*, genérico, não nomeado claramente, mas revelador de que a cantora estaria abrindo mão da autoria⁵ de seu turno de fala (“AH, mulher tem salário igua::l, mulher também vota, mulher também tem emprego, a mulher .hhh”, linhas 004-006, com a aspiração audível – representada pelo “.hhh” – marcando o fim do discurso reportado). Esses dois mecanismos já

⁵ Para um melhor entendimento dos conceitos de *animador* e *autor*, sugere-se a leitura de Goffman (1979[2002]).

sinalizam o posicionamento da autora da elocução no que se refere ao grupo sobre o qual enuncia.

Na continuação do seu longo turno de fala, Anitta ratifica sua posição, lançando mão de recursos de categorização que esclarecem sua relação com o grupo tratado genericamente por ela como “mulher” (“chegou uma hora que ela quis tomar as r- CONta da situação, AH NÃO, EU QUE VOU E: PEGO: CINQUENTA E EU QUE-”, linhas 007-009). Com isso, ela deixa margem para a inferência sobre seu comportamento: enquanto este grupo (mulheres) se comporta de uma dada maneira (*ir e pegar cinquenta*), o grupo do qual ela faz parte não se comporta assim. Isso se torna mais claro, quando ela produz, logo na sequência, uma avaliação depreciativa nesse sentido (“eu não acho bonito a ninguém pegar cinquenta nem o homem nem a mulher,”), linhas 009-010).

Já a repetição da UCT⁶ anterior entremeada por risos (“>>num acho bonito<<n(h)inghé(h)m sai::r e pegar cin(h)qu(h)ent(h)a ahá”, linhas 010-012), além de ratificar o que foi dito antes, desempenha uma outra ação social: buscar alinhamento dos ouvintes. O riso costuma ser um dispositivo de convite ao alinhamento do outro, demarcando uma busca de concordância sobre o que se discorre. Nesse caso, o silêncio dos outros participantes (interpretado pelo fato de que nenhum outro falante tomou o turno e/ou nenhum outro falante riu junto com a detentora do turno naquele momento) pode ser indicativo de, pelo menos, duas ações: ou há, por parte dos ouvintes, uma concordância que dispensa qualquer outra inserção no sentido de ratificar o que está sendo dito (mesmo com risos mútuos); ou há uma discordância que igualmente dispensa, por parte dos ouvintes, uma tentativa de se tomar o turno para discordar. De todo modo, independente de qualquer interpretação sobre o *silêncio* enquanto profere seu turno, para todos os efeitos práticos da interação, Anitta demarca uma posição na interação, busca alinhamento dos demais participantes e não obtém êxito⁷.

⁶ Em Análise da Conversa, UCT é a sigla para Unidade de Construção de Turno. Trata-se de uma nomenclatura apoiada na visão de que cada turno de fala pode ser constituído por diversos elementos que variam de acordo com o modo utilizado pelo falante para produzir seu turno de fala. Estes elementos podem ter a extensão de uma palavra, um sintagma, uma oração ou uma sentença, que estariam, por sua vez, demarcados por limites entoacionais ascendentes, descendentes ou de continuação. Uma definição mais detalhada de UCT pode ser encontrada em Sacks et al. (1974[2003]) ou em Loder e Jung (2008).

⁷ No entanto, é importante frisar que estamos fazendo uma análise de um cenário sobre o qual não tivemos acesso direto. Não podemos categoricamente afirmar, por exemplo, que alguém não flagrado pelas câmeras e pelos microfones teria rido (demonstrando alinhamento) ou feito meneio negativo com a cabeça (demonstrando discordância). Ainda assim, como essas supostas reações (se ocorreram) não foram tornadas relevantes por nenhum outro participante, incluindo câmeras, operadores de áudio e vídeo e editores, ratificamos que, para todos os efeitos práticos da interação, Anitta se manteve sozinha em seu posicionamento, isto é, através dos risos entremeados durante a UCT, ela buscou alinhamento, mas ninguém se alinhou.

Ainda nesta perspectiva, o turno de Anitta se prolonga por mais algumas linhas de transcrição, que foram omitidas justamente por representarem a mesma análise feita anteriormente sobre a não-tomada de turno dos ouvintes. Uma intervenção relevante só vai acontecer muitas UCTs depois, quando Pitty glosa a fala de Anitta para produzir um turno discordante (“=anit[ta, só uma ressalva (.) nós ainda não temos os mesmos ((mudança de câmera: foco em Pitty fazendo movimentos de negação com a cabeça)) direitos.”, linhas 057 e 060-062). Com isso, temos iniciado um episódio de conflito, cujo “turno 0” seria toda a fala anterior de Anitta (linhas 001 a 056), principalmente as UCTs iniciais, porque nestas é que estariam os elementos desencadeadores do conflito (“as mulheres lutaram tanto pra che- pro- pra::: **ter os mesmos direitos** que os homens, .hhh que quando chegou o momento que elas tiveram, AH, **mulher tem salário igua::l, mulher também vota, mulher também tem emprego,**”, linhas 002-006, negritos adicionados). O “turno 1”, por sua vez, seria o turno de Pitty, enquadrado por ela como “ressalva”.

A micropausa seguinte (linha 063) é um indicador importante, uma vez que Anitta deteve o piso conversacional por um longo período de tempo (o que para os padrões televisivos costuma potencializado, sendo qualificado como muito longo). A tomada de turno de Pitty, em fala engatada, adicionalmente, também marca a ação como inesperada, uma vez que o apresentador do programa, que detém o mandato institucional para alocar turnos e/ou permitir (ou não) que turnos sejam tomados, para todos os efeitos práticos, permite que a outra participante continue falando, já que ele se autointerrompe e se direciona à interlocutora em voga (“[>muito b-< ((vira-se para o outro lado do estúdio, onde está Pitty))”, linhas 058-059).

Como Pitty volta a falar após a micropausa, o efeito é de ratificação da tomada de turno, ou seja, o turno agora está com Pitty e ela vai poder falar, inclusive apresentando uma discordância, já prenunciada, ao que foi apresentado por Anitta. Sendo assim, na sequência, Pitty inicia suas prestações de contas⁸, iniciando, ao que parece, uma lista⁹ de contrapontos ao que Anitta dissera anteriormente, pois, ao passo que uma teria dito que “mulher tem salário igua::l,” (linhas 004-005), a outra diz “nós [não ganhamos o mesmo

⁸ A expressão “prestações de contas” é uma tentativa de tradução do termo “*accounts*”, proposto por Garfinkel (1967). Sobre o fenômeno das prestações de contas e a polêmica da tentativa de se traduzir o termo, ver Oliveira (2012).

⁹ Defendemos que Pitty estaria iniciando uma lista por considerar que o fim da UCT com contorno entoacional de continuidade (marcado pela vírgula) pode ser um índice disso, juntamente ao fato de que, ao enunciar tal sentença, a participante levantava o dedo polegar, como que indicando o primeiro item de um elenco a ser apresentado.

salários,” (linha 064). No entanto, a lista de Pitty é interrompida, pela sobreposição de Anitta (“mas nós chegamos qua::se.”, linha 065), cuja elocução passa a ser glosada então por Pitty, que, para todos os efeitos práticos, desiste da listagem que começara e compõe a discordância de forma mais contundente (“não. quase não é lá.”, linha 066).

A negação direta, logo de início, torna a UCT um índice de abandono de toda e qualquer estratégia de polidez ou de “amacramento” da interação neste momento. A falta de modalização polariza e estabelece o antagonismo entre as participantes na interação. Isso também fica marcado pela distinção que agora se cria entre duas categorias, evidenciadas por formulações de lugares (metafóricos): “quase lá” e “lá”.

A formulação de lugar como índice do antagonismo entre as participantes: “quase não é lá.”

No embate entre Anitta e Pitty, as distinções entre os lugares metafóricos “quase lá” e “lá” indiciam as categorias as quais cada uma das interagentes representa (ou demonstra querer representar). Pela negação, Pitty cria uma nova categoria do grupo que se vem rotulando como “mulher” e se insere nesta nova, em detrimento da categoria expressa por Anitta até então. Nesse sentido, “quase lá” é representativo de toda a categorização do grupo “mulher que quer tomar o lugar do homem” (cf. “mas a mulher acabou .hh querendo tomar o lugar essa m- lugar do homem em todas as situações,” linhas 012-014), enquanto o “lá” de Pitty seria a categorização da “mulher que tomou o lugar do homem”, algo que ainda não aconteceu e que, segundo ela, ainda está “longe” de acontecer (cf. “a partir do momento que a gente questiona numa plateia masculina¹⁰ (.) .hh se uma mulher sair com os amigos, (...) e que isso causa tanta comoção, eu acho que a gente tá lo::nge”, linhas 071-074 e 078-079).

A marca da distância é imperativa para o episódio de conflito construído entre as participantes. Mesmo que metaforicamente, essas formulações de lugar representam as categorias de pertença às quais Anitta e Pitty se remetem. Simultaneamente, são também estas as categorias nas quais cada qual se enquadra, respectivamente. Nesse sentido, Anitta “se

¹⁰ Nesta passagem, Pitty se refere a um momento anterior do programa em que, instada a fazer uma pergunta a algum membro da plateia, seu questionamento foi a respeito da possibilidade de o rapaz, alvo da pergunta, concordar com o fato de uma suposta namorada sair com os amigos, ao que ele respondeu que não permitiria, porque, segundo ele, “mulher é para ficar em casa”. Depois de ouvir essa resposta, Pitty, jocosamente, ressalta: “é por isso que você não tem namorada, amigo”.

passa”¹¹ por mulher, mas não reúne as características inerentes ao que, nos apontamentos de Pitty, compõem tal categoria. Desse modo, é possível perceber que as elocuições antagônicas de ambas são evidência etnometodológica de uma falha da representação social da mulher, segundo a qual esta seria uma categoria que inclui, em seu estatuto, uma única perspectiva moral de normalidade, vista e não destacada, da mulher com todos os atributos sexuais femininos, demarcados por uma mesma expectativa de vida, um mesmo estilo, uma mesma aparência, enfim, um mesmo comportamento.

Considerações finais

Em tempos de superexposição na TV e nas redes sociais, certos profissionais, como os artistas, por exemplo, precisam desses veículos para vender seus produtos, isto é, sua imagem e tudo o mais associado a ela. Desse modo, contemporaneamente, pode parecer difícil considerar que certos grupos sociais no Ocidente atribuam à categoria *mulher* algumas características que eram mais comuns de serem atribuídas em outras épocas, bem remotas. Se perguntarmos a uma cantora, para os fins de uma suposta pesquisa acadêmica ou em uma entrevista televisiva, por exemplo, se ela se considera machista, poderíamos ser capazes de afirmar categoricamente que sua resposta decerto seria negativa, uma vez que assumir as categorias de pertença deste grupo (*machistas*) teria implicações sociais nocivas à imagem dessa cantora, dado que esse tipo de assunção, do ponto de vista moral, seria *politicamente incorreto*.

No entanto, quando nos dispomos a fazer uma análise microssociológica de uma determinada interação social, sobretudo a partir da perspectiva dos participantes, conseguimos perceber que os dispositivos que esses participantes acionam para justificar suas ações são bem mais complexos do que parecem. O objetivo de uma pesquisa dessa envergadura não é mostrar o que os participantes não querem afirmar, mas, ao contrário, mostrar o que eles de fato afirmam quando estão interagindo. Expressando de outro modo, o objetivo é destacar o

¹¹ Expressão oriunda do inglês *passing*, utilizada por Garfinkel (1967) em seu famoso estudo sobre Agnes, paciente do Departamento de Psiquiatria da UCLA. Agnes tinha um distúrbio raro chamado de “síndrome da feminização testicular” (isto é, seu testículo produzia estrogênio, hormônio feminino por excelência), mas não informou isso à equipe médica. Seu desejo era fazer uma cirurgia de mudança de sexo e, para isso, convenceu toda a equipe médica de que era transexual (o que lhe daria o direito de fazer a cirurgia), quando, na verdade, o referido distúrbio, do ponto de vista biológico, não se caracterizava como fator de transexualidade.

que foi *visto mas não destacado*¹², quando são os próprios participantes, em suas divergências de entendimento acerca das ações ocorrendo no aqui e agora da interação, que fazem essas demonstrações.

Esses conceitos de intersubjetividade, indicialidade, prestações de contas, categorização de membros, entre outros, como vimos neste trabalho, são todos caros à etnometodologia, iniciada por Garfinkel (1967) e repercutida até hoje nos estudos em Análise da Conversa, que implementaram uma política de investigação, através da qual tais observações são realizadas sequencialmente, no interior dos turnos de fala. Por meio das ações verbais, atreladas à multimodalidade do cenário investigado, é possível analisar (não os analistas externos – chamados de *cientistas* –, mas os próprios participantes – analistas da cena interacional em que estão inseridos) a vida social em uma perspectiva microssequencial.

Através da análise de uma discussão que causou tanta comoção¹³ nas redes sociais, podem ser feitas várias avaliações. Muitas delas, em geral, são motivadas pela forma grotesca como produtores musicais e assessores de imprensa se beneficiam (e beneficiam, por meio de exposição gratuita, seus assessorados) através desse tipo de acontecimento. No entanto, outras formas mais nobres de avaliação do debate podem estar também por trás dessa repercussão toda, como o próprio fato de que existam mulheres – e Pitty demonstra ser um exemplar dessa estirpe – que, independente de sua projeção na cena cultural do país, se aproveitam de sua superexposição para militar em favor de uma causa social, no caso, a negação do machismo.

Aquilo que poderia estar pressuposto anteriormente, de que uma audiência passiva, diante das elocuições de Anitta, estaria em silenciosa concordância com seus apontamentos, cai por terra, quando Pitty se manifesta e polariza o debate. Tendo isso em mente, é, portanto, fácil entender que, ao engajar-se no episódio de conflito analisado neste trabalho, Pitty, acionando certas categorias de pertença relativas ao que o senso comum trataria como prototipicamente machista, glosa determinadas elocuições da fala de Anitta. Esta, por sua vez, inicia um processo de prestação de contas, em que cria certos índices, como a formulação de lugar, por exemplo, para demonstrar não ter aderido a essa visão de senso comum. Pitty, contudo, demonstra, em seus turnos subsequentes, que as ações, em resposta, de Anitta não foram compreendidas como índices dessa não adesão.

Referências

¹² *Seen but unnoticed* (cf. Garfinkel, 1967).

¹³ Basta usar a entrada *Pitty x Anitta* em uma simples busca no *Google* para comprovarmos o que estamos chamando de *comoção* aqui.

- BOGGS, S. The development of verbal disputing in part-Hawaiian children. **Language in Society**, v. 7, p. 325-344, 1978.
- EISENBERG, A.; GARVEY, C. Children's use of verbal strategies in resolving conflicts. **Discourse Processes**, v. 4, p. 149-170, 1981.
- GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967.
- GOFFMAN, E. Footing. Tradução de B. Fontana. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002 [1979]. p. 107-114.
- GRUBER, H. Questions and strategic orientation in verbal conflict sequences. **Journal of pragmatics**, v. 33, p. 1815-1857, 2001.
- HUTCHBY, I. **Confrontation talk**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1996.
- LODER, L. L. **Investindo no conflito: a correção pelo outro construindo discordâncias agravadas**. 2006. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.
- LODER, L. L.; JUNG, N. M. **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, p. 127-162, 2008.
- MAYNARD, D. How children start arguments. **Language in Society**, v. 14, n. 1, p. 1-30, 1985.
- NORRICK, N. R.; SPITZ, A. Humor as a resource for mitigating conflict in interaction. **Journal of Pragmatics**, v. 40, p. 1661-1686, 2008.
- OLIVEIRA, R. P. **Anatomias do conflito**. 2012. 265f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora, 2012.
- SACKS. **Lectures on Conversation**. Malden: Blackwell Publishers, 1992 [1964].
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematic for the organization of turn taking for conversation. **Language**, Baltimore, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.
- SCHEGLOFF, E. A. Notes on a Conversational Practice: Formulation Place. In: SUDNOW, D. (Ed.) **Studies in Social Interaction**. New York: Macmillan, p.75-119, 1972.
- SELL, M; OSTERMANN, A. C. Análise de Categorias de Pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: a (des)construção discursiva do homogêneo masculino. **Alfa**, São Paulo, v. 53, n.1, p. 11-34, 2009.

Anexo A – Convenções de transcrição

[colchetes]	Fala sobreposta ¹⁴
(0.5)	Pausa décimos de segundos
(.)	Micropausa em menos de dois décimos de segundo
=	Contigüidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos
.	Descida de entonação
?	Subida de entonação
,	Entonação contínua
:	Alongamento de som
-	Auto-interrupção
<u>sublinhado</u>	Acento ou ênfase de volume
MAIÚSCULA	Ênfase acentuada, grito
°	Fala mais baixa imediatamente após o sinal
°palavra°	Trecho falado mais baixo
palavra:	Descida entoacional inflexionada
palavra_	Subida entoacional inflexionada
↑	Subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados
↓	Descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado
>palavra<	Fala comprimida ou acelerada
<palavra>	Desaceleração da fala
<palavra	Início acelerado
hhh	Aspirações audíveis
(h)	Aspirações durante a fala
.hhh	Inspirações audíveis
(())	Comentários do analista
(palavra)	Transcrição duvidosa
()	Transcrição impossível
tsc	Estalar de língua

Anexo B – A transcrição na íntegra

[02'17" – 04'40"]¹⁵

001 Anitta: mas eu acho que a:: grande questão aqui hoje, é que
002 as mulheres lutaram tanto pra che- pro- pra::: ter
003 os mesmos direitos que os homens, .hhh que quando
004 chegou o momento que elas tiveram, AH, mulher tem
005 salário igua::l, mulher também vota, mulher também
006 tem emprego, a mulher .hhh ((inspiração profunda))
007 chegou uma hora que ela quis tomar as r- CONta da
008 situação, AH NÃO, EU QUE VOU ((fazendo vigorosos e
009 repetidos movimentos circulares com o braço em cima
010 da cabeça)) E: PEGO: CINQUENTA ((finaliza o
011 movimento com os braços e troca o microfone de
012 mão)) E EU QUE-
013 ((mudança de câmera: foco em Marjorie Estiano

¹⁴ A fonte Courier New, tamanho 10, é utilizada pelo fato de ser uma fonte em que letras e sinais de pontuação ocupam o mesmo espaço. Isso é importante para fins de marcação das sobreposições, por exemplo.

¹⁵ A indicação numérica entre colchetes indica o período de tempo marcado no original. Em outras palavras, significa que a transcrição que se apresenta aqui tem início no momento em que o contador de tempo do software de reprodução de vídeo (Windows media player) marcava dois minutos e dezessete segundos e se encerra quando o contador marcava quatro minutos e quarenta segundos.

014 olhando seriamente para Anitta))
015 Anitta: eu não acho bonito a ninguém pegar cinquenta nem o
016 homem nem a mulher
017 ((mudança de câmera: foco volta para Anitta))
018 Anitta: >>num acho bonito<< n(h)inghé(h)m sai::r e pegar
019 cin(h)qu(h)ent(h)a ahá (.) mas a mulher acabou .hh
020 querendo tomar o lugar essa m- lugar do homem em
021 todas as situações, .h só >que eu acho< que é o
022 instinto masculino ((enquanto diz "instinto
023 masculino", ela cruza o olhar com o de Serginho e
024 coloca a mão direita em seu próprio peito,
025 apontando para si mesma) ele também quer
026 proteger, quer cuidar::r ((volta a falar com o
027 olhar voltado para a plateia em geral)), .hh querer
028 fazer o cavalheiro, né, a parte
029 ((mudança de câmera: foco em Marjorie Estiano e
030 Jaqueline Carvalho, com os homens da plateia ao
031 fundo, olhando seriamente para Anitta))
032 Anitta: do cavalheiro, que é o instinto masculino e que
033 agora o homem fica desestimulado,
034 (.)
035 Anitta: ê- ê- é uma liberdade que é <necessária>, é legal
036 mulher e homem ter- ter direitos iguais, mas eu
037 acho que tem aquela coisa do instinto ((faz um
038 movimento circular suave com a mão direita na
039 frente do corpo))
040 .hh
041 Anitta: que- uma coisa é você ir lá, conquista e >nãããã<
042 e- a outra coisa é quando cê faz o cara ficar ali
043 com você.
044 (.)
045 Anitta: .hh o fato dele <ficar com você>, de- <permanecer>
046 com você ((movimento com a mão direita, dedos
047 juntos apontando o chão; em seguida passa o
048 microfone para a mão direita e gesticula com a
049 esquerda)) isso aí é uma coisa que é única e
050 exclusivamente da <mulher>((olha para Serginho))
051 (.)
052 Anitta: .hh é ela quem faz- e bota a bronca ((muda o
053 microfone para a mão esquerda novamente)) e decide
054 se o cara vai ficar ou se o cara vai sair ((passa a
055 mão na perna esquerda, cruzada sobre a direita))
056 (.)
057 Anitta: o comportamento dela é que vai dizer se o cara fica
058 ou se o cara sai=
059
060 Pitty: =anit[ta,
061 Serginho: [>muito b-< ((vira-se para o outro lado do
062 estúdio, onde está Pitty))
063 Pitty: só uma ressalva (.) nós ainda não temos os mesmos
064 ((mudança de câmera: foco em Pitty fazendo
065 movimentos de negação com a cabeça)) direitos.
066 (.)
067 Pitty: nós [não ganhamos o mesmo salários,
068 Anitta: [mas nós chegamos qua:::se.
069 Pitty: não. quase não é lá. ((faz um movimento vigoroso
070 com o braço esquerdo como se afastasse algo)).vamos
071 começar por aí.
072 Plateia: uô::[::
073 Pitty: [eu acho. eu acho que a gente ((mudança de
074 câmera: em primeiro plano, Serginho, em pé, olhando

075 para Pitty, segurando microfone e ficha na mão
076 direita e mão esquerda no bolso; Anitta, sentada de
077 pernas cruzadas, mão direita apoiada no colo e mão
078 esquerda, com o microfone, segurando a cabeça, uma
079 vez que o cotovelo esquerdo está apoiado no joelho;
080 Flora sentada, de pernas cruzadas, óculos escuros e
081 as duas mãos apoiadas sobre as pernas, olhando para
082 Pitty sobre os óculos, balançando a cabeça e
083 concordando com Pitty)) ainda tem mu:::ito pra
084 conquistar, a partir do momento que a gente
085 questiona numa plateia masculina
086 (.)
087 Pitty: .hh se uma mulher sair com os amigos, >por
088 exemplo<, num é nada a ver ((olha para alguém da
089 plateia e faz gesto com a mão esquerda indicando
090 parada)), não é específico ((pisca os olhos mais
091 vagarosamente)) e que isso causa tanta comoção, eu
092 acho que a gente tá lo:::nge ((olhando para
093 Anitta))=

Artigo recebido em: 30.04.2015

Artigo aceito em: 02.06.2015

Artigo publicado em: 28.07.2015